

DUAS
HISTÓRIAS DO
VELHO DECA



Série FICÇÃO n.º 1

COLEÇÃO EDUCAR N.º 1
SÉRIE FICÇÃO — N.º 1

DUAS HISTÓRIAS
DO
VELHO DECA

CAMPANHA DE EDUCAÇÃO DE ADOLESCENTES E ADULTOS
DEPARTAMENTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA

DECA. 374
C 3.87
V. 1



TEXTO DE
HERMÉ DE CASTRO MALLET

ILUSTRAÇÕES DE
FERNANDO PIERUCETTI

INTRODUÇÃO

O velho Deca tem hoje perto de setenta anos: tez morena, tostada pelo sol, cabelos brancos, olhar vivo e inteligente. De uma tradicional família de pescadores, também se dedicou à pesca durante muitos anos. Homem feito, já casado e com filhos, aprendeu a ler e escrever em um dos muitos cursos mantidos pela Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos. Novo mundo, então, abriu-lhe as portas: entrou para a Cooperativa dos Pescadores, onde ocupou, sucessivamente, vários cargos até chegar ao de Presidente. Trabalhou muito, continuou estudando, aumentou seus rendimentos, fez economias, comprou sua casa, educou cinco filhos e, hoje,

ICER - 5292

tem doze netos, cujas idades vão dos dois aos dez anos.

Tôdas as tardes, quando sopra a fresca brisa do mar, senta-se debaixo da frondosa amendoeira que o resguarda dos últimos raios do sol, toma o Dequinha, o menor de seus netos, ao colo e começa a contar histórias para as crianças, que, espalhadas pelo chão, o escutam com respeito e o fitam com admiração. Sua palavra é fácil, sua imaginação é rica, seus gestos são amplos, o que empresta a cada história um caráter de incontestável veracidade.

Durante a última semana, passei quatro dias na confortável casa de Deca como seu hóspede. E, em cada uma das tardes, juntei-me às crianças para ouvir as suas admiráveis histórias, que aqui estão, tal como foram narradas.



A PLANTA QUE COMIA GENTE

— Eu tinha mais ou menos vinte anos, sem a experiência dos velhos, mas com a coragem dos moços. Saía sempre para deitar a rêde com os meus companheiros Jonjoca, Maneca e Bentinho.

Jonjoca e Maneca eram velhos pescadores e Bentinho e eu estávamos iniciando a pesca em alto mar. Nossa canoa chamava-se “Esperança” e as três que nos acompanhavam “Saudade”, “Estrêla do Mar” e “Estrêla d’Alva”. Nós íamos ficar três ou quatro dias em alto mar. Já havia passado o primeiro dia, quando avistamos o grupo de ilhas que era o nosso destino. Uma delas, denominada “Ilha das Almas”, tinha a fama de ser mal-assombrada. Muitos dos pescadores, que se

havia aventurado a pescar em suas claras e profundas águas, contavam fatos estranhos ligados quase sempre à morte de um dos pescadores. Alguns diziam que no fundo das águas habitava uma grande serpente que devorava quantos por ali passassem. Outros diziam que era uma sereia que roubava os pescadores, levando-os para o fundo do mar, com os quais depois se casava. Havia, ainda, quem dissesse que durante a noite as almas penadas, que por ali vagavam, carregavam os pescadores que dormiam em seus barcos, aprisionando-os numa grande caverna existente num rochedo que se elevava a grande altura. Não foram poucas as vezes em que as tripulações das canoas voltaram com um ou dois dos seus homens a menos. As águas nunca devolveram qualquer corpo; jamais foi alguém encontrado nas buscas que se fizeram na tal montanha de pedra. E isto só de dia, porque de noite ninguém mais queria ficar perto da "Ilha das Almas". Todos diziam que nessas águas havia muitos peixes, peixes grandes, mas a verdade é que ninguém queria mais pescar nesse lugar amaldiçoado.

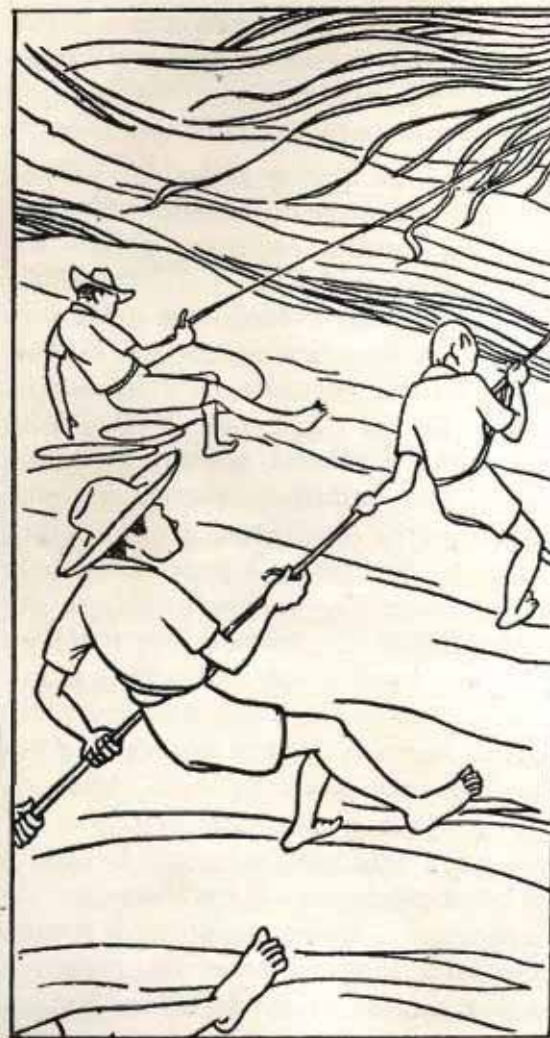


O velho Deca parou um instante, pigarreou duas ou três vêzes, e continuou:

— O que agora vou contar a vocês, eu mesmo vi com êstes olhos que a terra há de comer. Muitos não acreditaram no que contei, quando chegamos de novo à nossa praia. Mas o Jonjoca e o Maneca, também, viram tudo isso. Só que êles nunca deram uma palavra, pois não queriam aumentar o mêdo que já havia entre os pescadores. Nós tínhamos parado o barco a uns cem metros da ponta de pedras que há na “Ilha das Almas”. O Jonjoca, que era de todos nós o mais velho, achou melhor irmos tentar a sorte nas outras ilhas. Cada canoa seguiu um destino e nós fomos para perto da “Ilha Comprida”, onde pescávamos quase sempre. Durante o dia todo, pusemos a rêde e só o que conseguimos foi algum peixe miúdo. Aí passamos a noite. No terceiro dia, Bentinho lembrou que poderíamos fazer uma tentativa nas águas da “Ilha das Almas”. Era de manhãzinha e daria tempo para voltarmos antes que caísse a noite. Jonjoca e Maneca não queriam ir, mas Bentinho e eu insistimos tanto



que êles acabaram concordando. Voltamos à "Ilha das Almas" e tentamos a nossa sorte, colocando a rêde onde as águas nos pareceram mais promissoras. Depois de algumas horas, começamos a puxar a rêde e sentimos que nela deveria haver peixes maiores, que procuravam escapar. De todos, o mais satisfeito era o Bentinho, que não escondia a sua satisfação por ver tão bom resultado da sua idéia. De repente, sentimos que a rêde estava prêsa em alguma coisa; não sabíamos o que era, talvez alguma grande pedra ou planta do mar. Fizemos mais algumas tentativas para livrar a rêde, mas era como se alguém a estivesse segurando. Isto durou mais de uma hora e já não sabíamos o que fazer. Nenhuma das canoas estava por perto; ninguém nos podia ajudar. Fizemos novas tentativas e a rêde continuava cada vez mais prêsa. Já era de tarde e o sol dentro em pouco se esconderia atrás da montanha da "Ilha das Almas". Não podíamos perder a nossa rêde, pois ela era o nosso ganha-pão de cada dia. Mesmo que viesse rasgada, precisávamos salvá-la.



Deca parou outra vez a sua história, olhou os meninos que o fitavam cheios de ansiedade, mudou o Dequinha de um joelho para outro e continuou:

— Foi aí que o Bentinho propôs mergulhar para cortar a rêde, no ponto em que a mesma estivesse prêsa. Eu resolvi acompanhá-lo para ajudá-lo nessa tarefa, mas o Jonjoca e o Maneca achavam melhor irmos embora e voltarmos no dia seguinte com os outros barcos. Eu pensava que o Bentinho tinha razão e resolvi, mesmo contra a vontade dos velhos, atirar-me à água, levando, entre os dentes, a minha faca tão afiada que podia cortar um cabelo voando. Bentinho mergulhou logo depois de mim e enquanto durou o fôlego fomos procurando ver onde a rêde ficara prêsa. Voltamos à tona para respirar e, nessa ocasião, a rêde começou a ser estranhamente puxada para o fundo do mar. Jonjoca e Maneca gritaram do barco para que voltássemos. Bentinho e eu começamos a nadar em direção da “Esperança”. Eu ia um pouco à frente, e Bentinho nadava mais ou menos a uns dez metros atrás de mim. Estava



quase alcançando a canoa quando ouvi um grito. Voltei-me e vi Bentinho, que agitava os braços chamando-me. Nadei, vigorosamente, em sua direção; êle empunhava a faca e lutava contra alguma coisa, que eu não sabia bem o que era. Começaram a aparecer em volta de mim umas manchas escuras, como se fôsem algas marinhas. Senti que me tocavam o corpo e que nêle se enrolavam, tolhendo-me os movimentos das pernas e puxando-me suavemente para o fundo. Empunhei a faca e comecei a cortar aquêles ramos que me envolviam cada vez mais. Eu ia decependo as compridas fôlhas e logo outras e mais outras se enrolavam, cada vez mais numerosas, em meu corpo. A minha faca afiada dilacerava as algas, mas eu me sentia cada vez mais prêso, lutando, desesperadamente, para escapar à morte. Jonjoca e Maneca haviam remado até perto de onde eu estava. Jogaram uma corda, a que me segurei com a mão esquerda, e com a direita golpeava incessantemente a estranha planta, que me prendia. Bentinho havia sumido, puxado para o fundo do mar. Jonjoca e Maneca remavam desesperadamen-

te para que a canoa se afastasse daquele maldito lugar. A corda estava completamente estendida: de um lado, era o barco que me puxava e, do outro, a planta que me segurava. Eu continuava cortando aquelas longas fôlhas verdes, mas as fôrças já começavam a faltar. Os meus movimentos eram cada vez mais fracos. Jonjoca e Maneca redobravam suas remadas e, então, percebi que estava prêso, apenas, pelas pernas. Num último esfôrço, cortei as fôlhas que nelas se enrolavam; senti que tudo escurecia e vi pela última vez brilhar a lâmina da faca que se soltava de minhas mãos e que descia lentamente ao fundo. Aí, não sei mais o que aconteceu. Só no dia seguinte, quando já estávamos chegando à nossa praia, consegui abrir os olhos e ver o céu tão azul como está hoje. Meu corpo estava dolorido e com marcas avermelhadas, como se eu tivesse sido chicoteado. Agora, éramos apenas três no barco. Faltava Bentinho e tudo ainda me parecia confuso. Mas o mistério da "Ilha das Almas" não existia mais para mim. Não eram as almas que carregavam os pescadores para a caverna do rochedo; não

eram as sereias que roubavam os pescadores para com êles se casarem; não era a serpente marinha quem devorava aquêles que pescavam naquelas águas claras e profundas; era, sim, a planta que comia gente. Quando vocês crescerem e saírem na canoa para pescar, nunca cheguem perto da "Ilha das Almas", onde ainda existe essa terrível planta que come gente.



O TESOURO DO NAVIO NEGREIRO

— Eu era ainda pequenino, quando o meu avô contou esta história, que, por sua vez, tinha ouvido de seu avô. Naquele tempo, faz muitos e muitos anos, o trabalho nas fazendas, nos engenhos, na carga e descarga dos navios era feito pelos escravos. Os negros chegavam ao nosso país com pesadas correntes nos pés e eram vendidos na praça, como se fôsem qualquer mercadoria. Muitos senhores de escravos eram maus e aplicavam violentos castigos, quando os negros cometiam alguma falta ou tentavam fugir. Quase sempre êsses escravos eram aprisionados em terras que ficam do outro lado do Brasil — a Áfri-

ca. Depois de vendidos, eram colocados a ferro, a bordo de veleiros, que os transportavam, principalmente, ao Rio de Janeiro ou à Bahia. Os donos desses navios de escravos chamavam-se negreiros. Enriqueciam à custa de um comércio indigno, que merece a condenação de todos nós. Conta-se que um desses capitães, um português chamado Diogo Soares, era mais cruel que todos os demais. Seus escravos, durante a viagem da África ao Brasil, sofriam horrores que não há palavras que possam descrever. Ele já tinha feito muitas travessias e juntara uma apreciável fortuna em dobrões de ouro e de prata. Seu navio estava cheio de valiosos objetos, provenientes de trocas que fizera, oferecendo a sua mercadoria negra. Acabava, pois, de fazer a sua última viagem, trazendo escravos, e daqui voltaria para Portugal, onde pretendia levar uma vida igual a dos grandes senhores. Vendidos ou trocados os últimos escravos, "O Domador" fêz-se ao mar. O camarote do capitão estava repleto de incalculáveis riquezas, reunidas em grandes baús. Havia jóias, ricos tecidos, muito ouro e muita prata,

objetos de marfim, preciosas espadas e muitas outras coisas. Seu barco chamava-se "O Domador" e era, na verdade, um veleiro de construção sólida e linhas bonitas. Antigamente, os navios eram impulsionados, apenas, pelo vento e, quando este não soprava, os barcos ficavam muitos dias ao sabor das águas, quase completamente parados. Essa falta de vento chama-se calmaria. Foi em frente à costa recortada da Bahia que se verificou o grande acontecimento.

Deca levou o cachimbo à boca, deu uma longa pitada, passou o olhar rapidamente pelas crianças, para sentir se estavam interessadas na história, e prosseguiu.

— A calmaria fôra substituída por uma leve brisa, que enfunava as velas do grande barco. Pela madrugada do dia seguinte, o vento começou a soprar mais forte, aumentando durante o resto da tarde. Diogo Soares, experimentado capitão do mar, percebeu logo que uma grande tempestade se avizinhava. Seu barco aproximou-se da costa, buscando alguma angra, onde ficasse protegido. Finalmente encontrou, depois de uma

linha de recifes, o refúgio que lhe pareceu melhor. Tôdas as velas foram amainadas e deitou ferros. Chegou a noite e o vento soprava cada vez mais rapidamente, enquanto altas ondas se quebravam contra os recifes, que protegiam "O Domador". Pelo amanhecer, as vagas tinham-se tornado tão violentas que venciam a linha dos recifes e se quebravam diretamente sôbre a amurada do navio. A tripulação, bastante reduzida nessa viagem de volta, desdobrava-se nas mais diferentes tarefas. De repente, ouviu-se um forte barulho: as amarras tinham-se rompido e o barco estava, agora, à mercê das ondas. A tripulação nada mais podia fazer e a nau balançava de um lado para outro, no meio daquelas ondas imensas que varriam totalmente o seu convés. Dois ou três homens já tinham sido lançados às águas, enquanto outros se seguravam onde podiam, para não serem arrancados pelo mar furioso. De fato, um estrondo anunciou o choque do navio contra êsse rochedo. Diogo Soares só pensava em seu tesouro: não queria perdê-lo, pois êle representava o produto de longos anos de trabalho em seu comércio



negreiro. Chamou quatro homens de sua confiança e com êles desceu ao camarote para daí retirar, pelo menos, duas arcas onde guardava seu ouro, sua prata, suas jóias. Colocou-as em um bote e, enquanto o navio era levado pelas ondas, desfazendo-se, pouco a pouco, em milhares de pedaços de pau, remava, juntamente com seus homens, em direção à terra firme. O bote subia e desaparecia a cada onda, e os marujos continuavam remando desesperadamente para ganhar a terra. O peso das arcas fazia com que a linha d'água ficasse quase junto à borda, onde os remos se apoiavam. Cada vez entrava mais água e o bote poderia soçobrar a qualquer momento. Um dos homens propôs que atirassem ao mar aquelas arcas, que pesavam tanto, mas Diogo Soares sacou sua pistola de dois canos e ameaçou matar o primeiro que pusesse as mãos em seus preciosos baús. O bote foi-se enchendo d'água até que os quatro remadores o abandonaram, procurando nadar em direção à costa. Diogo Soares seguiu-se a suas arcas num supremo esforço para salvá-las, e, com elas foi tragado por uma gigantesca onda.



COLEÇÃO EDUCAR N.º 1
SÉRIE FICÇÃO — N.º 1

C.E.A.A. — D.N.E.
Ministério da Educação e Cultura